

TOMO XXI — No. 4

Abril de 1980

# BLUMENAU EM CADERNOS

HOSPITAL ARQUIDIOCESANO  
CONSUL CARLOS RENAUX



## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau  
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Germer Industrial S. A. — Timbó  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.- Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXI

Abril de 1980

Nº 4

## S U M Á R I O

Página

VOCÊ SABIA?.. . . . .	90
O ANTIGO ALMANAQUE DE CHÁS E REMÉDIOS . . . . .	97
GUSTAVO KRIEGER . . . . .	101
ESTANTE CATARINENSE.. . . . .	104
INTERCÂMBIO CULTURAL BLUMENAU - R.D.A. . . . .	106
SUBSÍDIOS À HISTÓRIA DE BLUMENAU . . . . .	108
ACONTECEU... Março de 1980 . . . . .	109
CONFLITO INDUSTRIAL E POPULISMO EM BRUSQUE . . . . .	112
I — “UM POR TODOS, TODOS POR UM” . . . . .	117

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 10,00 -- Atrasado Cr\$ 20,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 120,00 mais o porte Cr\$ 130,00 total Cr\$ 250,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

**CAPA** — Hospital Arquidiocesano Consul Carlos Renaux, de Brusque  
(Texto à página 97)

# Você Sabia?...

Sob este título, "BLUMENAU EM CADERNOS", acolhendo uma sugestão do nosso colaborador e pesquisador, Frederico Kilian, quer relembrar aos seus velhos assinantes, fatos históricos e curiosos relacionados com a vida blumenauense e seus moradores, já publicados em "Blumenau em Cadernos" nos anos idos, para arrancá-los do esquecimento, ou trazê-los ao conhecimento das novas gerações que não tiveram a oportunidade de ler os antigos números desta revista, bem como ainda focalizar outros inéditos e que também merecem ser divulgados.

Esperamos que nossos leitores, em cartas ou telefonemas, nos transmitam as suas opiniões sobre este empreendimento, para, conforme o critério da maioria, prosseguirmos nesta tarefa ou então abandoná-la, se não for do agrado dos leitores, para ceder o espaço desta página a outros temas de, talvez maior interesse. Com a palavra, pois, nossos leitores.

A Redação

## Você Sabia?...

Por Frederico Kilian

— que o primeiro número de "Blumenau em Cadernos" saiu publicado no mês de novembro de 1957 contendo 20 páginas?

— que o registro de nascimentos ocorridos na colônia, nos primeiros anos de sua existência, eram feitos pelo próprio Dr. Blumenau?

— que exatamente um ano depois da fundação, nasceu a primeira blumenauense, a menina Ida Friedenreich, filha do veterinário Guilherme Friedenreich, um dos 17 fundadores?

— que todos os edifícios de maior vulto da então sede da colônia foram construídos pelo engenheiro arquiteto, Henrique Krohberger, assim como o prédio da direção, que depois passou a ser a prefeitura, as igrejas católica e protestante, a antiga ponte sobre o Garcia, na atual Rua Quinze, a ponte do Salto, etc...?

— que foi a 22 de Novembro de 1874 que chegou pela primeira vez ao porto de Blumenau, o vapor "Lourenço"?

— que a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, foi



iniciada em dezembro de 1907, e que seu primeiro trecho, com tráfego regular até Warnow, foi inaugurado em maio de 1909 e a inauguração do trecho até a estação final, de Hansa, (logo após a confluência dos rios do Sul e Hercílio) se deu em 1º de outubro de 1909?

— que a 15 de dezembro de 1884, chegou a Blumenau, em visita oficial Sua Alteza o senhor Conde d'Eu, marido da princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro?

— que a ópera "Anita Garibaldi" do compositor blumenauense, maestro Heinz Geyer e libreto de José Ferreira da Silva, teve sua primeira representação em Setembro de 1950, por ocasião dos festejos do centenário desta cidade, sendo seis anos depois repetida em Florianópolis e levada à cena a 25 de novembro de 1957, no Teatro Municipal de São Paulo, assistida na ocasião pelo prefeito bandeirante Sr. Ademar de Barros, o governador de Santa Catarina Sr. Jorge Lacerda, prefeito de Blumenau, Sr. Frederico Guilherme Busch Júnior e Srs. Ingo Hering e Willy Sievert, da direção do Teatro Carlos Gomes, de Blumenau, além de muitas outras pessoas de destaque que não regatearam aplausos desde o início, o que ao terminar o primeiro ato o governador do nosso Estado e o prefeito de São Paulo, foram pessoalmente ao palco abraçar o maestro Henz Geyer e levar-lhe os cumprimentos dos assistentes?

— que o primeiro ataque de bugres aos moradores da colônia de Blumenau, se deu na barra do Ribeirão da Velha, no dia 28 de dezembro de 1852?

— que em 1856, o Dr. Blumenau adquiriu as terras de propriedade de Bento Dias, em Gaspar, e mandou dividi-las em datas urbanas, deslocando, para esses lotes, que formaram povoação, quase todo o movimento comercial de Belchior e do Arraial do Pocinho?

— que o jornal "Blumenauer Zeitung" apareceu com seu primeiro número em 1º de janeiro de 1881?

— que conforme lista de preços anunciada naquele jornal, àquela época, os gêneros de primeira necessidade eram assim vendidos: — Milho, por saco de 80 litros — Cr\$ 3,00; feijão, idem — 5,00; farinha de mandioca, idem — 1,30; arroz, com casca, idem 2,00; batatas, idem — 4,00; fumo, por arroba — 4,00 a 8,00; açúcar, por arroba — 2,00 e 2,50; toucinho, arroba (15kg) 2,50 a 3,00; manteiga, por quilo — 0,50; banha, idem — 0,30; ovos, por dúzia — 0,10; galinha, por unidade — 0,30 a 6,00; cachaça, por litro — 1,20?

— que o "Kranken-Unterstützungs-Verein" fundado em 1862,



contava no ano de 1889 com 110 sócios e tinha um ativo de cinco contos de réis, na maioria em papéis do Estado?

— que as eleições para a primeira Câmara de Blumenau realizaram-se a 1º de julho de 1882 e que o número de eleitores que votaram foi de 49, sendo 14 no distrito de Blumenau e 35 no de Gaspar?

— que o ato da instalação e posse da Câmara se deu no dia 10 de janeiro de 1883 e foi presidido por Luiz Fortunato Mendes, presidente da Câmara Municipal de Itajai?

— que durante a enchente de outubro de 1911, o rio Itajaí-Açu, saindo do seu leito um pouco acima da cidade, formou um novo braço que invadindo os terrenos em direção ao norte, foi desaguar nas imediações da Penha do Itapocoroí?

— que no dia 24 de fevereiro de 1883, houve uma reunião para a fundação de uma Loja Maçônica, e que o convite para essa reunião, estava assinado pelos snrs. Otto Stutzer, Franz Lungershausen e Schaeffer?

— que a 22 de Fevereiro de 1885 foi lançada, com grande solenidade, a pedra fundamental do novo Colégio São Paulo (Hoje Colégio Santo Antônio)?

— que no dia 10 de Junho de 1887, na sessão do juri desta cidade, o colono Frederico Franz, autor de homicídio foi condenado à morte? e que esta sentença não foi executada porque o Imperador comutou a pena em prisão perpétua?

— que a 13 de Maio de 1882, por escritura lavrada no cartório do Escrivão de Paz, Augusto Gloeden Junior, desta cidade, D<sup>a</sup>. Alexandrina Maria da Conceição, vendeu a Pedro Wagner um escravo de nome Camillo, solteiro, de cor parda, com 40 anos de idade, pelo preço de seiscentos mil réis (Rs. 600\$000)?

— que tal transação somente foi possível se realizar, depois do Dr. Blumenau ter deixado a direção da colônia, pois durante todo o tempo em que o mesmo esteve na direção não permitiu a introdução de escravos na colônia?

— que no dia 15 de agosto de 1884, o Dr. Hermann Blumenau deixou, definitivamente a colônia que fundara retirando-se para a Alemanha, onde já se encontrava a sua família?

— que a 3 de Agosto de 1884 foi colocada a pedra fundamental da igreja evangélica de Indaial?



— que no dia 30 de Agosto de 1886, o presidente da provincia, Dr. Francisco José da Rocha, assinou a lei nº 1.109 desta data, que criou a Comarca de Blumenau, com a denominação de Comarca de São Paulo de Blumenau?

— que a nova comarca de Blumenau, foi solenemente instalada no dia 10 de Fevereiro de 1890, presente o cidadão Gustavo Salinger, 1º Suplente do Juizo Municipal em exercicio do cargo de Juiz de Direito o Promotor Público da Comarca, Manoel Agostinho Demoro, deferindo o mesmo Juiz o juramento ao Promotor Público e declarando achar-se instalada a Comarca, nomeando o tabelião do Termo, Elsbão Pinto da Luz, para oficial do Registro de Hipotecas?

— que no dia 13 de outubro de 1930, foi empossada pelo prefeito provisório de Blumenau, João Kersanack a Junta Administrativa-Municipal composta dos senhores Antônio Cândido de Figueiredo, Thomé Braga, Max Mayr, Adolfo Wollstein e Theodolindo Pereira, em substituição do Conselho Municipal (como na época era denominada a Câmara de vereadores) que na ocasião foi deposto e era formado pelos senhores Pedro Christiano Feddersen, como presidente, Arthur Rabe, vice-presidente, Max Haufe, Willy Hering (do Rio do Sul) Frederico Schmidt, Carlos Schroeder, José Bona, Silvio Scoz, Hermann Sachtleben e Fritz Lorenz?

— que Blumenau já foi por duas vezes a capital de Santa Catarina? A primeira vez em 1893 quando a Câmara Municipal, num gesto de rebeldia, assim o decretou, proclamando o Dr. Hercilio Luz governador do Estado, o qual prestou o juramento de praxe e tomou posse do cargo. A segunda vez foi em 1930. Florianopolis resistia aos revolucionários que vinham do sul e cujo comando foi estabelecido em nossa cidade que foi declarada capital do Estado.

— que o Dr. Blumenau, contagiado de entusiasmo provocado pelas vitórias brasileiras na guerra contra o Paraguai, batizou muitas sedes de linhas da sua colonia com nomes dos lugares onde os nossos haviam se coberto de glória, vindo daí os nomes de Acurra, Humaitá, Aquidaban Riachuelo e Timbó?

— que a 3 de agosto de 1863 foi fundada a Sociedade de Cantos da Colônia de Blumenau ("Gesangverein der Kolonie Blumenau") que contando com 27 sócios ativos, tinha como seu primeiro presidente C. W. Friedenreich, como secretário Victor Gaertner e como dirigente-musical o Pastor Oswald Hesse e que a mesma sociedade, por deliberação dos sócios, em 10 de agosto de 1865, passou a denominar-se "Germania"?

(Excertos do I Tomo de "Blumenau em Cadernos")



## A História de Blumenau revela:

AS PRIMEIRAS INVESTIDAS PARA CRIAR-SE A PRIMITIVA CIA. DE NAVEGAÇÃO — AS FORMAS DE NATURALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES — APRESENTAÇÃO DO SÁBIO FRITZ MULLER, CHAMADO DE COLONO, AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA...

(Transcrito dos documentos históricos chegados da Baixa Saxônia, para "Blumenau em Cadernos")

"Colônia Blumenau, 14 de agosto de 1863.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Em aditamento à informação que em 18 de maio próximo passado tive a honra de prestar á v. excia. sobre a empresa de navegação á vapor neste rio, projetada por Fernando Ebert, tenho hoje ineluzivelmente a acrescentar, que o mesmo, a quem já naquele officio havia designado como algum tanto projetista e de poucos rúndos, que deve ter perdido o juizo ou, e ainda pior, se evidenciou como um grande tratante, que merece ser acolhido com cautela, quando de novo se apresentar com projetos e pedidos de favores.

Tendo eu no seu tempo lhe pedido informações sobre o atual estado de situação do seu projeto, para á v. excia. comunicá-las, ele me respondeu em primeiro lugar e sem razão alguma com descabidas cartas cheias de investidas, acusações, etc. contra mim e alusões ofensivas à Presidência e ao Governo imperial. Não retorqui por ele então se achar muito enfermo e quasi iora de esperança de salvamento e eu atribuir ao estado irritado do seu espirito ao lançar palavras e agressões que á seu ditame me foram escritas por outras pessoas. Como porém continuava com tais cartas em que me inculpava de incapacidade e falta de prática na administração da colônia, de eu arruiná-la por minha má gerência etc., protestava, acusar-me perante todo o mundo e sobretudo perante v. excia., exigindo dela uma immediata e vigorosa inspeção geral da colônia e seu estado, e, se não fosse logo atendido, querer dirigir-se ao Ministro da Prussia na Côte para ele mandar um emissário, e á Sua Majestade Imperador "Que só queria haver empregados capazes", para exigir minha immediata demissão, etc. etc., respondi-lhe eniim, perdida, eu a paciência e achando-se o Ebert sofrivelmente restabelecido, em correspondente forma. Desde então ele me deixou em paz, mas dirigiu nestes dias uma carta ao agrimensor da colônia, evidentemente com o fim de me ser participada e do conteudo, de que o mesmo agrimensor tome suas precauções, porque minha "queda e demissão havia de ser certa e inevitável", a menos que eu não me resolva comprar-lhe, Ebert, incontinentemente e no decurso da corrente semana, suas terras (que aliás ainda não me pagou, como também não me pagou muitos outros adiantamentos)



para que com sua família se possa retirar da colônia e não tenha a assistir às incontáveis desgraças da sua proclamação, consequência da ineptidão, incapacidade, falta de prática e má administração do dinheiro". Se o tom das cartas em geral revela um homem meio louco de presunção e arrogância, este acréscimo ou condição revela o tratante que pretende estorquir dinheiro como ameaça.

Como porém não me pode ser indiferente, que este tal miserável me conspique perante as autoridades e público do Brasil e da Alemanha, remeto cópia da característica correspondência, que por seu volume não se presta bem à tradução, com algumas informações ao Snr. Fernando Hackradt, consul da Prússia nessa capital, afim de que dela tome conhecimento e forneça à v. excia. os esclarecimentos que acaso julgar conveniente exigir, sobretudo quando o Ebert, de novo se apresentar com pretensões sobre sua empresa. Outra cópia remeto ao Snr. Otto Köhler na Côte, afim de que em caso dado proceda da mesma maneira para com o Governo Imperial e o Ministro da Província na Côte. — Deus Guarde a V. Excia. — Colônia Blumenau, 14 de agosto de 1863. — Ilmo. e Exmo. Snr. Pedro Leitão da Cunha — Digníssimo Presidente da Província".

## NATURALIZAÇÃO DE IMIGRANTES

"Ilmo. Sr. Dr. Blumenau

Com a carta de V. S. datada de 9 de janeiro próximo passado, me foram entregues duas galinhas e um galo da raça conchinchin, que muito lhe agradeço.

Nessa ocasião lhe ofício em resposta ao seu ofício de 16 de janeiro, assim como acerca do deferimento dos requerimentos que vários colonos fizeram a Sua Majestade o Imperador, pedindo dispensa do lapso de dois anos para obterem o título de Cidadão Brasileiro.

A dispensa do lapso de tempo não dispensa de fazer a declaração perante o Juiz de Paz de querer ser Cidadão Brasileiro, e do juramento de fidelidade ao Imperador e Leis do Império.

Os constantes da relação assinaram a petição que dirigiram à S.M.I., mas como ainda não me remeteram as certidões da declaração não lhes posso mandar passar os títulos.

Diga-lhes pois que façam as declarações e juramento, e que me mandem as certidões para passarem-se os títulos.

Devolvo-lhe 23 certidões, cujas assinaturas não combinam com as assinaturas do requerimento, que me enviou com o seu ofício de 14 de janeiro. Faça outro requerimento, e os donos das certidões, que assinem esse requerimento combine com a assinatura que se acha nos requerimentos. Os que não souberem escrever devem pedir a outros que por eles assinem. Pode mesmo uma só pessoa assinar por todos os que não sabem escrever, mas devem isso mesmo declarar, por



exemplo: A rogo de André Grassmann, idem de João Sarckow, idem de Hugo Schulte, idem de João Koth, idem de Carlos Victor Frederico Guench Sulinger, idem de João Augusto Goffner.

Estimo que tenha passado bem.

Aproveito a ocasião para renovar a V. S. os meus protestos de estima e consideração com que sou de V. S. muito atento e obrigado. — Desterro, 12 de fevereiro de 1858. — João José Continho. —

P. S. — Desejando formar o Distrito de Paz de maneira que tenha uma boa direção e que compreenda todos ou quasi todos os alemães, V. S. me indicará se o distrito deve principiar ou se convem vir mais abaixo. Um rio que tenha nome conhecido será a melhor divisa, tanto por uma margem como por outra do Grande Itajahí.

Tendo de proceder, logo que vir o Distrito, à nomeação do Subdelegado, e dos suplentes, V. S. me remeterá uma lista de pessoas escolhidas dos mais inteligentes, de reconhecida prudência e moralidade, pondo os nomes dos melhores em primeiro lugar. Se for possível combinar a inteligência, prudência e moralidade com a riqueza ou independência pelos meios de um bom estabelecimento de lavoura, melhor ainda”.

### A NATURALIZAÇÃO DO SÁBIO FRITZ MÜLLER

Uma carta escrita pelo Dr. Blumenau ao Presidente da Província, em julho de 1856, diz o seguinte: — “Ilmo. e Exmo. Sr. — Cumprindo com as últimas ordens de V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>., falei com o Sr. Dr. Frederico Mueller e em consequência disso tenho a honra de apresentá-lo a V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. como portador do presente, e ousou de recomendá-lo à Sua Benevolência.

Pretendendo naturalizar-se como cidadão brasileiro, passei-lhe a necessária certidão, de ter sido estabelecido desde o ano de 1852 como colono em este rio e espero que ha de entregar a V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. a competente copia da declaração que fez perante o Juiz de Paz, de ser aquilo a sua intensão.

O Sr. Dr. Mueller pretende primeiro demorar-se por algum tempo nessa capital, para melhor aprender a lingua de conversação e assim preparar-se para a sua futura profissão. Se V<sup>a</sup>. Exc<sup>a</sup>. talvez lhe puder favorecer com alguns avisos ou conselhos a tal respeito, muito havia de ficar penhorado, por não haver conhecido algum nesta capital; caso o sr. Capitão Alvin fosse presente, este senhor sem dúvida podia indicar ao meu amigo algum compêndio de matemática. de que ele podia tirar as mais necessárias noções sobre os termos técnicos usados na lingua portuguesa em referência às matemáticas.

Tendo a honra de ser com o maior acatamento, muito obediente criado e obrigado. — Dr. H. B. O. Blumenau. — Colônia Blumenau, 20 de julho de 1856. — Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. João José Coutinho — Dignissimo Presidente desta Província”.



# O ANTIGO ALMANAQUE DE CHÁS E REMÉDIOS

Aloisius Carlos Lauth

A região de Brusque é de morfologia constante, de permanente irregularidade. O rio drena de forma complexa a topografia, alongando a distribuição populacional de maneira a distanciar áreas umas de outras, isolando os grupos, que passam a ter, atualmente, sutis peculiaridades, bem captáveis pelo mapeamento social. Os vales, quase sempre estreitos, não permitiam que os lotes coloniais se formassem com muitos "fundos" de terra. Estes eram demarcados, em geral, a partir dos ribeirões, dando os "fundos" nos morros inaproveitáveis para o tipo de colonização que se pretendeu. O italiano, segundo imigrante a se instalar, cercou o grupo alemão e, ainda por cima, teve que ocupar regiões por demais montanhosas, tendo que se limitar a um "modus vivendi" mais fechado. Por esta razão, é mais fácil hoje distinguir as áreas de contribuição italiana, no Itajaí-mirim, do que as alemãs. A última, incluindo as pressões de guerra do orbe, mais rapidamente se diluiu.

Essa estreiteza da planície fluvial foi, também, a causa de inundações prejudiciais à vida colonial, tanto à produção quanto ao transporte. Basta verificar como se procedia o escoamento dos produtos agrícolas para se concluir que o povoamento da Colônia-Brusque deu-se com a formação de distritos. O Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina, em 1886, distinguia, no território colonial do Itajaí-mirim, quatro distritos:

1. A Vila de Brusque e a Região da Guabiruba (25 linhas coloniais);
2. Porto Franco (11 linhas coloniais);
3. Cedro Grande (31 linhas coloniais); e,
4. Nova Trento (29 linhas coloniais).

Entretanto, o distrito-mater não perdeu sua função de sede para os demais distrito, exatamente porque a dependência administrativa criara uma influência social em que o colono viu-se ligado a tudo que se fazia na sede. Esta influência pode ser representada pelo "Schützverein", uma instituição alemã que reunia a classe dos imigrantes alemães e confraternizava o parentesco e o torrão natal. Mas suas atividades não evoluíram no sentido de intercâmbio cultural, como a "Culturverein" pretendeu, espalhando técnicas e melhorias agrícolas no Itajaí-Açu. A falta de comunicação das experiências isolou ainda mais as condições humanas de alimentação e habitação do imigrante.

A penetração das linhas coloniais dera-se de forma a aproveitar o curso d'água. À medida em que os lotes iam se distanciando da se-



de, o tempo se encarregou de erigir uma sub-sede, geralmente, uma Capela e Cemitério, uma "Venda" e, prescindivelmente, uma Escola. A necessidade de instrução nasceu do próprio sangue alemão e não são raros os imigrantes formados em nível do IIº Grau e até universitário. Já a Casa Comercial servia de interposto dos mantimentos e notícias que percorriam com uma linguagem muito pessoal. Mas foi a Capela e o Cemitério que primeiro congregou a redondeza, devido a assistência espiritual do pároco e pastor. As pessoas que cultivam as terras estão mais propensas a cultuar divindades. O imigrante alemão estava ainda de espírito religioso arraigado, mal declinava a Crise da Reforma. A sub-sede não constituiu em foco de melhoria do padrão alimentar, higiênico e habitacional do imigrante.

Condicionado pelo relevo, o processo de povoamento descentralizou-se ainda mais, mantendo laços sentimentais com o distrito-mater. O distrito-mater era o entroncamento das linhas coloniais e sua sede administrativa. O Diretor da Colônia tinha consciência da situação e passara a exigir medidas que solucionassem as carências de transporte, alimentação, saúde e higiene, assistência espiritual, etc. Conseguiu, entretanto, pouco alterar a estrutura desenhada. O Governo Provincial empreendera um projeto no qual não medira as conseqüências humanas em ocupar uma área sem infra-estrutura. E, quando alertado das epidemias, intermediários na comercialização, etc., procurava soluções paliativas, de menor dispêndio financeiro, mas que o tempo as tornou mais caras à própria comunidade. As Colônias Brusque e Príncipe D. Pedro (Águas Claras), eram colônias oficiais e, como tal, suas administrações dependiam diretamente do Presidente da Província. Se Príncipe D. Pedro fracassou e, se é verdade, que a Colônia-Brusque foi a mais expedita das colônias oficiais empreendidas, quem sabe se o Governo não foi o maior responsável, por iniciar obra enorme demais ao seu alcance... Contudo, foi uma opção do Presidente da Província diante de uma questão de Segurança Nacional — vamos assim nos expressar — em adotar uma filosofia política que "reunisse em um ponto determinado os imigrantes, sem proceder à demarcação dos respectivos lotes, a abertura dos principais caminhos, a ereção de templos, a edificação de casas para escolas" (1).

Os alemães saíam de sua terra acostumados (2) a uma subsistência à base de cevada, trigo, aveia que, aqui, trocaram por feijão e toucinho, aipim e milho de açúcar. Esta mudança de hábitos alimentares causava "fortes e renitentes desinterias", principalmente entre os menores. A temperatura e a umidade, os mosquitos, a saudade, a falta de higiene foi causa de grande incidência de infecções, inflamações nos olhos, feridas nas pernas e mãos, febres, amarelão e até malária. O baixo salário desestimulou os Dr. Linger e Rufener (3) nas práticas médicas. Von Schneéburg insiste na construção de um Hospital, mais devido a alta frequência dos acidentes e a distancia para se chegar ao Hospital de Caridade, no Desterro. E, nem todos preferiam tratar-se longe dos seus,





**Prédio inaugurado em março de 1936 e acrescido de nova ala em 1965**

numa terra estranha e de nacionais hostis. O bem-estar dos colonos foi a grande preocupação do Barão, ninguém negará (4), à qual o Governo parece ter feito pouco caso.

Isolado no lote colonial, o colono teve que, forçosamente, construir sua choupana e fazer a primeira roça, sob pena de maior desamparo, depois de longa demora pela demarcação das terras e da minguada subvenção oficial. Enquanto esperava a colheita, trabalhava como arte-são, improvisando seus instrumentos. E saía de casa para o soldo diário, nos trabalhos das estradas do governo, assegurando sua manutenção. Antes das condições de higiene mínima, teve que precaver-se das enfermidades, quase sempre desconhecidas. Recorria ao Sr. Eberhardt, “químico com curso de medicina”; ao Sr. Boettger, ao “boticário” Eli-seu, ao farmacêutico Rufino. . . e, mesmo ao Sr. Barão. Assim, ele aprendeu a evitar as epidemias e constituir uma farmácia doméstica à base de ervas medicinais.

A luz do novo século, o lugar era assistido por médico, quase sempre de clínica subvencionada e temporária, sem grandes instalações em



que aquele pudesse exercer profissão. Em 1876, já havia um edifício de atendimento hospitalar, provisório, que não sucedeu futuro. Sua presença, entretanto, não mudara o antigo quadro da Colônia. Esta assistência foi mais curativa que preventiva e, além disso, a população rural havia já adquirido um "almanaque de chás e remédios caseiros" para todas as horas.

E, quando os "chás" não resolviam, o emotivo colono italiano, de olhos marejados, apelava aos seus devotos, através das imagens dos santinhos, rogando alívio das "angústias corporais e espirituais", na esperança da fé suplantar o fatalismo da terra:

"Os que sofriam da vista não tinham oculista, mas tinham Santa Luzia para quem recorriam. São Roque era o médico dos portadores de feridas e chagas. Numa peste de modo recorriam a São Sebastião. Quantas donzelas não terão pedido conselho e orientação à Santa Inês e em desilusões amorosas a Santo Antonio. Santo Antônio estava aí para resolver os "casos impossíveis". São Luiz Gonzaga guiava os jovens. Santa Bárbara era o refúgio dos mineiros de carvão. Cristo crucificado e sua Mãe Santíssima estavam presentes em todas as igrejas, o que demonstra a genuidade da fé dos colonos" (5).

Esta situação de precariedade viria, então, a ser amenizada com a criação da "Santa Casa da Misericórdia" de Azambuja, atendendo a população do Vale do Itajaí-mirim, desde 1902.

---

## NOTAS

- (1) Fala de João Tomé da Silva à Assembléia Provincial, a 24.03.1875
- (2) Carta de Schneéburg ao Presidente da Província, ..... 24.10.1860
- (3) SEYFERTH, Giralda, "De Bauer a colono..." in Rev. Vicente Só nº 6, p. 41.
- (4) CABRAL, Oswaldo, "Brusque", p. 47.
- (5) REITZ, Raulino, conferência no Museu Nacional de Belas Artes, em 30.07.1971



## GUSTAVO KRIEGER

### “UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE”

(Cont. do nr. anterior)

Em 1971, quando tinha 16 anos de idade, Débora Krieger participou do 1º Concurso Estadual de Biografia, promovido pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de Santa Catarina.

Para desenvolver o tema “Personagem Ilustre do meu Município” ela se utilizou da “História de uma colônia nos tempos do Império”, de Oswaldo Cabral; da “História da Música em Brusque”, de Aldo Krieger; do “Álbum do Centenário de Brusque”; de exemplares do jornal “O Progresso”; e de contatos pessoais com parentes e amigos de seu avô.

Entre 630 concorrentes, Débora obteve a 2ª Menção Honrosa. Seu trabalho foi publicado em “A Nação” — edição de Brusque”, em 22 de janeiro de 1972.

Rio de Janeiro, 1969. Escolha do “Golfinho de Ouro” para a música erudita. Muitos, os nomes apontados. A preferência: Edino Krieger. Pela primeira vez um catarinense recebe homenagem tão importante!

É mesmo Edino? Confirma-se logo, por unanimidade. Ele é o melhor do ano, no gênero. Edino Krieger.

Em nosso Estado, uma cidade vibra com a nova. Seu filho é homenageado.

Tudo começou há muitos anos: 1861, com imigrantes alemães vindos de Odenburg para província recém-criada. Alemães que trazem no coração uma saudade grande da Pátria distante. No peito, uma vontade de conquistar a nova terra. — Vencer a natureza selvagem, desconhecida.

Vem ao encontro de novidades, surpresas. Sua aldeia de gente amiga, de parentes, a aldeia de vida tranqüila, virou saudade no coração.

É Brasil. Alcançam Itajaí. Perguntas, informações, anseios. Sobem o Itajaí-Mirim, adentram a terra estranha, com determinação.

O destino: animados, iniciam os preparativos de uma nova vida.

E os dias se sucedem. Com surpresas e angústias, com alegrias também. Apegam-se ao território novo, aqui procuram trabalho, paz, amor.



O amor une os evangélicos luteranos Jacob Krieger e Auguste Fridericka Luise Kuchenbaecker. Deste amor, nasce Gustavo, 26 de janeiro de 1878.

Órfão de mãe aos quatro anos, apega-se muito ao pai. Parte com ele ao Rio de Janeiro — viagem inesquecível! Na Capital, Jacob abre filial da fábrica de charutos que criara — em Brusque. Em 1875, na “4ª Exposição da Sociedade Agrícola Colonial”, é premiado — tal a qualidade dos charutos que fabricava. Os charutos são vendidos na Rua do Ouvidor. Bem onde costumava passar, diariamente, nada mais nada menos que D. Pedro II! O Imperador cumprimenta a todos, espalha sorrisos, distrai-se com as crianças. Certa manhã, o pequeno Gustavo encontra-se no círculo de pequenos com quem D. Pedro conversa. Acaricia a cabeça do alemãozinho — da Loja, Jacob observa e sorri. Sente-se confuso. O Imperador sempre conversa ligeiramente com as crianças, é verdade: mas hoje o fez com seu filho!

Mais tarde, Jacob e quatro amigos estão num bar, comentando coisas da vida, ele exhibe seu orgulho. Por acaso, dão com uma nota de cinco mil réis. Quem-foi-quem-não-foi, o dono não aparece. Compram bilhete de loteria, dá prêmio. Um dinheirão, que dividem entre si. Jacob associa o prêmio ao encontro do menino com D. Pedro. “Trouxe sorte”.

Resolve voltar a Brusque: saudades dos amigos, dos parentes. A filial fica a cuidados de um sócio.

Em 1880 uma enchente, a maior até então verificada invade Brusque. A água chega de repente, sobe mais de oito metros, o povo se vê obrigado a fugir. Não há tempo para combinar aonde correr. Existem apenas dois pontos de refúgio: as igrejas, católica e protestante, situadas nos morros mais altos do centro. Na fuga, Jacob só consegue alcançar a igreja católica. Gustavo, que é surpreendido quando está com amigos, corre para a protestante. E ficam os dois distanciados dois dias — o tempo que levam as águas para baixar.

Aos 14 anos, morre-lhe o pai e Gustavo é criado por uma tia. Preocupada em dar-lhe educação e arranjar-lhe um ofício, ela vai com Gustavo a Desterro. Ali entrega-o aos cuidados de um imigrante de nome Monegália, que ensina ao menino os segredos de alfaiate. No fim do aprendizado Gustavo regressa a Brusque, abre uma alfaiataria.

19 de novembro, 1902. Gustavo casa-se com outra imigrante, esta italiana. Adelaide Diegoli, nascida em Bolônia.

Vieram os filhos: 17, sendo que quatro faleceram crianças ainda.

Gustavo ensina aos filhos a arte que aprendera. E também a vários aprendizes que, graças à orientação recebida, tornaram-se bons alfaiates — e irão depois recordar, saudosos, o convívio com “aquele homem tão bom”.

Sua “Alfaiataria Elegante”, hoje “Irmãos Krieger”, foi a primei-



ra do gênero no município, e sempre atendia aos freqüentes da melhor maneira possível. Além de figurinos europeus, através dos quais se entrava em contato com a moda do continente distante, ali se contava com um bom papo. E um papo gostoso já era apreciado naqueles tempos.

A fama da qualidade dos serviços era tamanha que Carlos Renaux, Cônsul do Brasil em Baden-Baden, encomendava-lhe seu termos, quando tinha à disposição os serviços de alfaiates europeus. E lá ia o trabalho de Gustavo para o outro lado do mar.

Mas nem só de ternos vive o homem. Gustavo Krieger apreciava a música. E para ela dedicava seu tempo livre. Tocava flauta, clarinete, concertina, viola de concerto (bratsche). Exímio tocador de flauta era ele.

Havia no município o Conjunto de Câmara de Brusque, formado por Primo e Guilherme Diegoli (cunhado de Gustavo), Paulo Luax, Wilibald Stracker, Gustavo e Luiz Luebcke. Que compromisso sério para eles a palavra empenhada por um! . . .

Aconteceu um dia que um deles prometeu serenata à namorada. Mas choveu. Para não falharem com o compromisso, fizeram um armarinho. Levaram seus instrumentos muito bem protegidos, e mais alguns amigos. Estes, levaram uma mesa de bom tamanho. Chegando ao local da serenata, a mesa foi erguida os amigos a sustentaram corajosamente. E, para que Luiz pudesse tocar com seu contrabaixo, dois outros amigos sustentavam o instrumento, deixando Luiz à vontade a execução da música. Ao redor dele, os outros também puderam atacar, agasalhados pela mesa protetora.

Gustavo Krieger também tomou parte na vida política do País, embora discretamente. Achava que a música era mais importante. Durante o governo de Floriano participou da luta dos Pica-Paus e Maragatos — era Pica-Pau. Chegou a Sargento — da Guarda Nacional.

Deixou aos filhos o amor pela música. Em 1929, criava-se o JAZZBAND, AMÉRICA, “o mais célebre conjunto de danças que Brusque já possuiu”. Famoso em Brusque e em todo o Estado.

Do JAZZ faziam parte cinco filhos de Gustavo: Aldo, Érico, Oscar, Axel e Nilo, todos alfaiates, na época, e cinco Diegoli: Primo, Augusto, Aníbal, Rudi e Ivo, todos marceneiros, sendo ainda os primeiros de religião evangélica e os segundos de religião católica. Primo e Augusto eram tios dos cinco Krieger e pais dos restantes Diegoli.

Se alguns filhos seguiram a profissão do pai, todos conservam o gosto pela música. As reuniões da família, ainda hoje são animadas.

Especialmente um herdou-lhe o amor à arte: Aldo. Além de todo o impulso que deu a este setor, em Brusque, criando por exemplo, o “Orfeão Juvenil Amadeus Mozart” e o “Conservatório de Música de



Brusque”, compôs os hinos dos centenários de Blumenau e Brusque. E atualmente dirige a “Associação Coral de Florianópolis”.

Filho de Aldo, Gustavo tem outro músico que herdou-lhe as qualidades, aprimorando-as: Edino. O “Golfinho de Ouro” de 1969 para música erudita. Orgulho da cidade.

E dois netos seus são ministros de Cristo. Gustavo, que recebeu-lhe o nome, pastor evangélico, Murilo Sebastião, padre católico.

Que teria feito Gustavo Krieger de importante para merecer biografia?

Uma cidade não é feita só de políticos. Ao contrário, um povo é a soma de gente humilde, de gente trabalhadora. De gente como Gustavo Krieger que dedicou-se aos semelhantes, preocupando-se em dar-lhes um pouco de alegria.

Pela sua vida, pelo que deixou, através dos filhos e netos, pelo que falamos acima, merece biografia publicada.

Merece a lembrança que dele guardamos.

## ESTANTE CATARINENSE

*por Carlos Braga Mueller*

### CONTISTAS DE BLUMENAU

Autores Diversos, Editora Lunardelli/  
Fundação Casa Dr. Blumenau, 1979.

Este cronista é suspeito para escrever a respeito, pois participa da antologia editada pela Lunardelli em convênio com a Fundação Casa Dr. Blumenau. Mas vale a pena fazer alguns breves registros sobre como repercutiu este lançamento.

Lauro Junkes, abalizado crítico literário do nosso Estado, que dedica-se a um profundo estudo das nossas letras, escreveu uma extensa apreciação sobre o livro, publicada no “Jornal de Santa Catarina”. edição do dia 27.1.80, e que foi reproduzida em “Blumenau em Cadernos” de março passado.

Outros, porém, não se limitaram a criticar. E lançaram verdadeiros libelos acusatórios contra aqueles que se dispuseram tão somente a colaboração com uma causa cultural (ninguém ganhou nada com os escritos; pelos contrário, qualquer renda eventual destina-se à Fundação Casa Dr. Blumenau).



Tudo, porém, torna-se muito gratificante. O livro conseguiu, graças a Deus, criar polêmicas, atrair a ira de alguns, e elogio de outros, a complacência de muitos. Movimentou, enfim, o pequeno mas expansivo campo cultural blumenauense, o que, por si só, já bastaria para dignificar a obra, fazendo penitenciá-la pelos erros gramaticais encontrados pelos luminares críticos da imprensa cotidiana.

Meus respeitos aos companheiros da antologia, pela ordem de inserção de seus contos: Enéas Athanázio, Herculano Domicio, Otto Jaime Ferreira, José Gonçalves, Urda Alice Klueger, Edith Kormann, Vilson Nascimento, José Roberto Rodrigues, Roberto Diniz Saut e Rogério Neri de Souza.

#### A PRESENÇA DO CONTO — Antologia, Editora do Escritor, SP.

O Volume 35 da Coleção do Escritor é uma antologia de contos que traz, à página 33, um trabalho do nosso conhecido homem de letras Enéas Athanázio. Trata-se do conto "Ô de Casa!", em que o autor conta, com a verve que lhe é peculiar, um pouco das coisas e do ambiente do planalto serrano, assuntos nos quais, por sinal, é mestre. Do saudoso Monteiro Lobato, Enéas Athanázio herdou o estilo; da terra catarinense, descreve fatos e coisas. Com justa razão, figura não só nesta antologia, como também no livro "Contistas de Blumenau". É que Athanázio reside atualmente em Blumenau.

#### RASGA MORTALHA — de João Nicolau Carvalho — Editora Lunardelli, 1979.

Mais um livro de contos que merece destaque nas bibliotecas dos catarinenses. Contos que envolvem assuntos bem nossos. Ambiente e chão catarinenses, saídos da pena brilhante deste jovem escritor que comprova, mais uma vez, sua acertada escolha para dirigir a Fundação Catarinense de Cultura.

Vale a pena citar palavras de Celestino Sachet a respeito do escritor e sua obra:

"... enquanto os três primeiros contos se apresentam com frases carregadas de visualidade e com diálogos telegráficos — o mesmo acontecendo com "A Cumeeira" e "O Fueiro" —, em "Crônica de Família" (I e II) a linguagem e a estrutura se vestem de um ar de gozação séria, em forma de crônica medieval, porque assim o exige a vetusta e safada figura de um trisavô. Mas é em "Nem pra remédio" que a também, realidade irreal da linguagem atinge o ponto alto de ficcionalidade de João Nicolau Carvalho".

São ao todo dez contos que fazem bem ao leitor; porque são lidos com facilidade. Que fazem os catarinenses se sentirem cada vez mais catarinenses .



## *Intercâmbio cultural Blumenau - R.D.A.*

Atendendo a convite do Prefeito Renato de Mello Vianna, chegou a Blumenau no dia 6 de março, a delegação cultural representativa da Sociedade Nova Pátria, órgão do governo da República Democrática Alemã e que pugna pela amizade entre os povos.

A delegação hospedada pelo governo municipal, achava-se composta pelos seguintes membros: o chefe da delegação sr. Heinz Wesse, o Pastor Ernst Breithapt que é vice-presidente da Sociedade Nova Pátria e o sr. Hans Hackel.

O objetivo da visita da ilustre delegação, foi o de conhecer melhor Blumenau, seu povo, seus costumes e contatar com as sociedades tradicionais e culturais blumenauenses, visando um maior



Os visitantes da RDA quando eram entrevistados pela redação do Jornal de Santa Catarina, aparecendo ainda o Diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o Filatelista Alfredo Wilhelm.



estreitamento do relacionamento cultural entre Blumenau e as instituições culturais da RDA. Também constou da pauta dos visitantes, e exame das possibilidades de serem fornecidos, pela RDA, às instituições culturais blumenauenses, especialmente bibliotecas, a exemplo do que já em 1975 foi feito à Biblioteca da FURB, livros técnicos sobre o desenvolvimento do esporte, nos seus diversos ângulos e outras obras mais que possam ilustrar e abrir novos horizontes à cultura universal nos seus variados aspectos, à juventude blumenauense.

Com tal objetivo, os visitantes percorreram toda a região do Vale do Itajaí e mantiveram diversos contatos com o povo e lideranças das nossas sociedades culturais e tradicionais como as de atiradores.

Entrevistados pela imprensa local, os visitantes mostraram-se entusiasmados com o estágio de progresso de Blumenau, cidade que tão bem se identificava com eles, não só pelo relacionamento que há muitos anos já existe com a RDA, especialmente através das visitas que àquele país já fizeram os srs. Felix Theiss, ex-prefeito e o atual prefeito Renato de Mello Vianna, assim como o diretor da Fundação Casa Dr. Blumenau José Gonçalves, e o filatelista Alfredo Wilhelm, como pela afinidade existente no fato histórico do fundador da cidade ter nascido naquele país, assim como é a pátria do grande sábio Fritz Mueller, o primeiro nascido em Hasselfelde, nas Montanhas do Harz e o segundo na pitoresca cidade de Windischholzhausen. Como último ponto de afinidades de Blumenau com a RDA e em especial com a Sociedade Nova Pátria, pelos serviços que tem prestado inclusive na orientação fornecida para que se constituíssem em nosso país, federação e campeonatos oficiais de SKAT, trazendo diretamente da cidade de Altenburg, berço do SKAT mundial naquele país, os ensinamentos e orientações que tanto têm ajudado na perfeita organização de tais torneios e campeonatos, regidos pelas regras gerais ditadas pela capital mundial do SKAT, a cidade de Altenburg.

Eis porque a visita da brilhante delegação alemã a Blumenau não teve por finalidade apenas atender ao convite do prefeito blumenauense, mas ampliar os laços de amizade e de intercâmbio cultural, tornando-se, desta forma, muito justas as homenagens que o governo e o povo de Blumenau tributaram aos visitantes, a acolhida fraterna e muito amiga, pois que eram eles merecedores de tudo isso não só pela maneira fraterna como também receberam os visitantes blumenauenses em seu país como pela forma com que têm se empenhado em contribuir substancialmente no campo cultural para o maior engrandecimento e projeção de nossa cidade.

Ao retornar ao seu país, os membros da delegação alemã prometeram intensificar ainda mais este entrelaçamento de amizade em favor das instituições culturais blumenauenses.



# Subsídios à História de Blumenau

— José Gonçalves —

Estávamos chegando aos últimos dias de março quando apresentou-se no nosso local de trabalho um cidadão de aspecto bem conservado para os 72 anos de idade que possui e de nome Irineu Constantino Pereira. A visita tinha dois objetivos: o primeiro, esclarecer sobre a composição do hino de Blumenau, que lhe havia sido encomendado por Ferreira da Silva. O segundo objetivo era o de fazer entrega de dados que havia colhido com descendentes diretos de dois canoeiros que completaram a tripulação das canoas por ocasião da primeira viagem que o Dr. Blumenau havia feito a esta cidade, em princípios de 1848, para o reconhecimento e com vistas à colonização local, o que acontecia dois anos mais tarde.

O sr. Irineu Constantino, que como já informamos, goza da mais perfeita saúde e lucidez aos 72 anos de idade, disse-nos ter sido um dedicado e fiel amigo do Prof. Ferreira da Silva, fato que ele mesmo comprovou com a exibição de diversas cartas que recebera do saudoso historiador, aconselhando-o a concluir o hino de Blumenau e também pedindo-lhe que enviasse todos os esforços para descobrir os nomes dos dois outros canoeiros que aqui estiveram com Blumenau, Hackradt e Ângelo Dias em 1848.

Agora o sr. Irineu Constantino trouxe-nos os dados solicitados há muitos anos por Ferreira da Silva. Disse ele que um dos canoeiros chamava-se Silvério Francisco Ramos, nascido aos 6 de novembro de 1826, em Itajaí, filho de escravos, mas naquela época era aforriado, o mesmo ocorrendo com o segundo canoeiro, de nome Desidério Rosa, nascido a 25 de maio de 1830. O primeiro, faleceu com 110 anos em 12 de julho de 1936 em Itajaí e o segundo faleceu com 99 anos no dia 21 de setembro de 1929.

Informou o sr. Irineu Constantino que Silvério Francisco Ramos fora seu padrinho de crisma. Ambos os canoeiros, quando arregimentados em Itajaí por Blumenau e Hackradt, juntamente com Ângelo Dias, eram conhecidos como homens muito valentes e dispostos a qualquer empreitada. Eram mesmo conhecidos como os dois pretos mais valentes naquela época em Itajaí.

Os dados que ora nos foram fornecidos, de acordo com as informações do sr. Irineu Constantino Pereira, ele os conseguiu com uma filha de Desidério Rosa, a qual ainda vive.

Aliás, no livro Histórico de Blumenau, de Ferreira da Silva, às páginas 32 e 33, o historiador deixa margem a que se suponha realmente ter sido maior o número de pessoas que com os dois exploradores chegaram às margens do ribeirão da Velha. Tanto assim que informa que, "prosseguindo rio acima, foram até o Salto. Ali separaram-se. Blu-







de lei à Câmara de Vereadores, propondo o aumento salarial dos servidores municipais na base de 71%, a ser distribuído em três parcelas: março, maio e outubro do corrente ano.

DIA 7 — Sob o comando do próprio Dr. Sabin, que veio à Santa Catarina especialmente para tal fim, as autoridades estaduais iniciaram ampla frente de vacinação contra a poliomielite, num trabalho bem organizado pelo próprio inventor da vacina.

— DIA 8 — Na Prefeitura Municipal de Blumenau realizou-se importante reunião com a presença inclusive do Presidente da FATMA, ocasião em que foi aventada a hipótese de ser criado um parque estadual ou até nacional na região do Alto Garcia, com policiamento vigoroso para garantir a preservação da flora e da fauna.

— DIA 9 — Segundo notícia a imprensa de Blumenau, o município exportou no mês de fevereiro mais de 13 milhões de dólares em artigos de algodão e malha.

— DIA 12 — Instalou-se, no auditório do Teatro Carlos Gomes, o Quarto Congresso Brasileiro de Limpeza Pública, com a participação das mais expressivas personalidades e técnicos sobre o assunto em todo o país.

— DIA 12 — Forte temporal se abateu sobre a cidade, no período da tarde, causando transtornos à população. A área mais atingida foi a de Ponta Aguda, especialmente nas ruas México e Canadá, invadidas não só pelas águas mas também pelos efeitos da erosão proveniente de terraplenagem nos morros próximos.

— DIA 15 — Realizou-se nos Salões de Mármore do Grande Hotel Blumenau o V Encontro de Escritores Catarinenses, cujo acontecimento contou com a presença do presidente da União Brasileira de Escritores e foi coordenado e dirigido pelo presidente da Associação Catarinense de Escritores, contando com grande número de participantes. Pinheiro Neto viu assim compensados seus esforços no conagração dos escritores catarinenses.

— DIA 18 — O Prefeito Renato Vianna enviou à Câmara mensagem propondo o nome do jornalista falecido João Vieira, para uma praça que deverá ser inaugurada na rua Carlos Rischbieter, no bairro de Boa Vista.

— DIA 20 — Blumenau recebeu a visita do embaixador norte-americano no Brasil, Sr. Robert Sayre, o qual, acompanhado da esposa, do filho e do secretário da embaixada, visitou o prefeito Renato Vianna às 10 horas, demorando-se em agradável palestra.



— DIA 21 — Às 18 horas foi inaugurada em Blumenau a primeira bomba para abastecimento com álcool aos carros ao mesmo adaptados. Esta também é a primeira bomba do gênero inaugurada no interior do Estado e pertence ao Automóvel Clube de Blumenau.

— DIA 21 — O Professor Darci Ribeiro, ex-ministro da Educação e chefe da Casa Civil no governo João Goulart, fez palestra no auditório da FURB sobre Educação, Universidade e Política.

— DIA 22 — Realizou-se a primeira Festa de Rainha do Tiro no Clube de Caça e Tiro Ribeirão Itoupava, o primeiro clube centenário de Blumenau — Outubro de 1877 — 1977. A festa contou com o comprometimento de elevado número de associados, tendo o baile, realizado no mesmo dia, obtido êxito total.

— DIA 25 — Foi inaugurado, no Centro Interescolar do 1º Grau, localizado no bairro de Vila Nova, o retrato do Patrono do mesmo, o saudosos industrial Bernardo Zadrozny, que foi colocado na Biblioteca do CIP, tendo sido descerrada a placa de bronze localizada no hall de entrada daquela escola. O referido estabelecimento já conta com 938 alunos.

— DIA 26 — Chegaram a Blumenau, para serem distribuídas pelo Centro de Saúde na campanha contra a paralisia infantil, 36.960 doses de vacina Sabin.

— DIA 27 — Na Galeria Municipal de Artes, realizou-se, às 20 horas, a solenidade do lançamento do livro de Mariã Deeke Sasse — “Blumenau-Sua História”. O ato foi presidido pelo Prefeito Renato Vianna, que pronunciou vibrante oração em louvor ao trabalho da autora e da contribuição valiosa do livro no aprimoramento histórico de nossa juventude. Na oportunidade também foi aberta a exposição de desenhos e pinturas da artista blumenauense Rosi Mari Winkler Darius. O acontecimento foi uma promoção da Prefeitura Municipal através do Departamento de Cultura.

— DIA 29 — Foi iniciada uma ampla frente de vacinação contra a paralisia infantil, abrangendo os municípios de Blumenau e Gaspar. Mais de 21 mil doses de vacina foram distribuídas pelos 92 postos de vacinação instalados.

— DIA 30 — O Aero Clube de Blumenau, que é presidido pelo sr. Hans Prayon, realizou brilhantes festividades em sua sede, promovendo churrascada de confraternização, vôos panorâmicos, apresentação de aeromodelismo e saltos de para-quedistas. Grande foi o número de aficionados que compareceu ao aprazível aeroporto Quero-Quero naquele dia.



# Conflito industrial e populismo em Brusque

## A greve operária de 1952

Afonso Imhof

(Conclusão do nº anterior)

se desenvolveu com base na oposição operário-patrão. Em 1965 houve coligação P.S.D.-P.T.B. e, apesar do desgaste a nível nacional que sofreu o P.T.B. após 64, ele ainda era força política e desta feita, o populismo estava encarnado num orador, ex-líder estudantil, ex-udenista que discursava em moídes populistas. Sua temática era a liberdade e o trabalhismo de Vargas. Em 1972 egressos do P.S.D., U.D.N. e P.T.B., reinstalaram o Diretório Municipal do M.D.B.. Sua campanha fundamentalmente era baseada nos princípios populistas de oposição ao patrão (14). Vencem o pleito. Grupos empresariais eram atingidos pelas críticas mordazes em comícios e programas radiofônicos, por líderes emedebistas. Estava novamente reacesa a oposição operária. Explorava-se a consciência operária. A consciência de classe. Em 1976, pressentindo o antagonismo e a antipatia do operariado ao padrão, principalmente aos Renaux, estes, taticamente não ingressam na campanha eleitoral da ARENA e esta agremiação partidária vence as eleições para Prefeito e Câmara Municipal. É consenso popular, principalmente dos próprios adeptos arenistas, o positivo crescimento da ARENA em Brusque dar-se em decor-

---

14. O populismo pode ser encarado como um estilo político de dominação de classes. Desejamos entretanto, situar no nosso entendimento otimista em relação ao populismo: "trata-se de um movimento político, antes do que um partido político: (...) o populismo brasileiro é a forma política assumida pela sociedade de massas no País. O populismo sempre foi, malgrado as distorções político-ideológicas que lhes são inerentes, um mecanismo de politização das massas (...) no plano interno, o populismo é um sistema de antagonismo. Como política de aliança de contrários. Em decorrência da aceleração do processo inflacionário, as massas passam a reivindicar aumentos cada vez mais frequentes. Os trabalhadores entram numa luta reivindicatória praticamente ininterrupta, para evitar o excessivo rebaixamento do poder aquisitivo do salário. As campanhas salariais e as greves são as manifestações de luta operária contra o confisco salarial inerente à inflação. Nesse contexto de lutas, os operários desenvolvem as suas organizações sindicais, fortalecem as confederações, ampliam as suas relações com os partidos populistas e de esquerda; ganham as praças públicas. A partir das reivindicações salariais, politizam-se de modo acelerado. A arregimentação política necessariamente está na base também das lutas por conquistas econômicas". IANNI, Octávio (1755:207-9). Aconselhamos a leitura de WEFFORT, Francisco. *Origens do Sindicalismo Populista*. ESTUDOS CEBRAP, nº 4, São Paulo. p. 64-105.



rência do silêncio patronal. Cabe aí uma pergunta: os operários atualmente guardam resquícios do antagonismo de classe? É um outro nível da problemática em que entretanto, não nos ateremos durante a pesquisa em epigrafe.

Assim percorridos esses tópicos eleitorais torna-se fundamental pormos à descoberta a estratégia dessa classe dominada frente aos patrões, os dirigentes dos grandes partidos. O acompanhamento das diretrizes conciliatórias do Presidente Vargas dava-se através da "Hora do Brasil", programa radiofônico com moldes massificantes. Programa ouvido principalmente por líderes operários simpatizantes do P.T.B.. Veículo mensageiro dos discursos de Vargas, de seus Ministros e de suas metas populista-nacionalistas, de seus apelos à união operária (15) com intuito deliberado de conquistar as classes populares. Os operários mais exaltados não escondiam sua vinculação ou simpatia partidária petebista diante do encorajamento do Chefe da Nação e de Estado. A estratégia operária parece que consistia em alguns líderes alimentar a classe com informações radiofônicas e jornalísticas e no enaltecimento das dádivas estadonovistas, isto é, a CLT e a classe reagir politicamente nas urnas.

Em suma, desejamos avaliar a contribuição política dos simpatizantes ou integrantes do P.T.B. à greve de 52 e, se possível, determinar a estratégia dessa classe.

A greve eclodida a 19 de dezembro às 18 horas, horário tradicionalmente da junta dos operários, inicialmente, na Fábrica de Tecidos Carlos Renaux — FATRE, deu-se à margem do Sindicato. Nos dias subseqüentes, operários das outras indústrias declaravam-se em greve. O conflito entre as classes se deu inclusive contra o Estado, porquanto a Delegacia Regional do Trabalho em Assembléia Geral Extraordinária do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Brusque, realizada a 27 de dezembro, manifestava o ponto de vista oficial, considerando a greve ilegal. A ata lavrada tem esta redação: "Fez uso da palavra o Sr. Dr. Raul Pereira Caldas D. Delegado Regional do Trabalho, esclarecendo aos trabalhadores que, se tratava de uma paralização de trabalho ilegal, uma vez que os operários estavam descumprindo uma decisão da justiça do Trabalho, mas que no entretanto, tinha feito uma reunião com os empregados a fim de ser instalado em Brusque um armazem para vender aos operários os gêneros de primeira necessidade, instalada e administrada pelo Serviço Social da Indústria (SESI)"

A greve é mantida. Os piquetes resistiam às tentativas dos furões. O clima Natalino e de Ano Novo é marcado com tristezas, in-

---

15. 1º de maio de 51 — "Uni-vos todos em vossos sindicatos, como forças livres e organizadas. As autoridades não poderão restringir vossa liberdade nem utilizar-se de pressão e da coerção".



certeza, aflição e depressão econômica local. Entretanto transcorria um clima pacífico e de ordem. O Delegado de Polícia de Brusque, político atuante das fileiras do P.T.B. prestava toda assistência moral e policial aos grevistas; aliás um paradoxo dentro de lutas operárias, o apoio de uma autoridade policial. A greve estava orfã de apoio emanado do Estado e de legalização dentro das determinações do Decreto 9.070. Ela nasceu fora do Sindicato e este para não sofrer intervenção declara-se também na Assembléia de 27 de dezembro, não ser o patrocinador da greve. O texto lavrado em Ata foi este: **"(..) o Sr. Presidente do referido Sindicato, após esclarecer que não tendo sido o Sindicato o patrocinador da greve existente, solicitava aos operários grevistas que escolhem uma Comissão de operários, para tratar das reivindicações a serem feitas ao Sindicato Patronal"**.

A polêmica suscitada em torno da greve ser ou não ilegal não enfraqueceu a parede. O Delegado Regional de Polícia de Itajaí porta-voz da classe patronal faz circular um documento mimeografado e rubricado pelo próprio, contendo promessas da FATRE àqueles que desejavam retornar ao trabalho, tentativa, entretanto, frustrada, pela habilidade da cúpula grevista. As condições oferecidas nesse documento o qual se constituía numa lista de adesão, recolhida pela cúpula, após a descoberta da circulação e que já contava com algumas assinaturas, eram três: 1º — Aumento de 7,1% pagável a partir de julho de 1952; 2º — Instalação e funcionamento do armazém do SESI; e 3º — As faltas durante a greve poderiam ser descontadas das férias vencidas ou a vencer oportunamente. O documento ainda prometia a garantia policial para a volta ao trabalho e o reinício do trabalho seria divulgado pela emissora local, com um dia de antecedência.

Os industriais começaram a preocupar-se com a irredutibilidade de classe operária e obtém junto ao Governo Estadual uma força policial para garantir os portões. Apesar do conflito, os operários mantiveram-se ordeiros, pacíficos e respeitadores do patrimônio patronal (16). Junto ao Governo venceu a estratégia patronal a de enfraquecimento da greve, porquanto, com policiais armados de metralhadoras postados nos portões, os furões manteriam parte das indústrias em movimento e os patrões haveriam de se fortalecer com a produção inicial desses furões. Ainda pesou para a rendição operária a aflição e a insegurança quanto aos acontecimentos posteriores a volta dos furões, pois assim, os grevistas faltosos teriam suspensos os seus contratos de trabalho e a perda da estabilidade por justa causa, pois a paralização das atividades já ultrapassava 30 dias (19 de ja-

---

16, Vide "O Rebate" Brusque de 10 de jan. 53, o de 24. jan. 53; "O Estado" Florianópolis de 10. jan. 53, p. 8; "A Notícia" Joinville de 13. jan. 53; "A Gazeta" Florianópolis de 27. dez. 52 p. 2 e "Jornal de Joinville" de 18. jan. 53 p. 1 e 21. jan. 53 p. 1. Todos dão grande destaque ao conflito, enfatizam entretanto o aspecto pacífico da greve.



neiro) e a alegação que seria usada na justiça contra os mesmos, era a do abandono de trabalho.

Esse aspecto de rendição, pretendemos pesquisar — as conquistas e perdas, demissões, perseguições aos líderes e a atuação do Sindicato operário frente aos ditames classistas. As demissões que sabemos ter havido, poderiam ter bloqueado psiquicamente os líderes não atingidos e a classe ter assumido uma oposição frágil para o futuro. Mesmo se não conseguirmos amparar essa hipótese em dados concretos, desejamos simultaneamente investigar o grau da filosofia da “paz social”, instaurada no País para abrandar as relações de capital e trabalho e os conflitos de classe. O empresariado coloca em prática no País, no período populista, principalmente na fase da política estatal de Vargas, um relacionamento de classes num nível de cooperação fraternal e de convívio harmonioso. A festa de 1º de maio, em Brusque, foi promovida pomposamente após os últimos conflitos de 52, pelas empresas e pelo SESI. O SESI impregnado da Sociologia Industrial da época, intensifica a integração social, através de competições esportivas, assistência odontológica e armazéns, diluindo a consciência reivindicatória da classe operária.

O SESI é o responsável maior da aplicação da filosofia da paz social. A instalação de armazéns do SESI com preços estáveis e as altas dos preços das mercadorias serem ressarcidas pelas indústrias, opercu de 1953 a 1963, importante ajuda no orçamento doméstico. Este fato bem poderia ter concorrido em maior proporção para diluir a força operária. Essa estratégia chama-se política de conciliação de classes, oferecida pelas classes dominantes.

Da estabilidade do empregado decorreu certamente em grande parte uma dose de coragem para declararem-se em greve, promover piquetes e persistência no aguçamento do sindicato da classe (17). Esse estatuto somente deixou de ser utilizado após 1966 quando o F.G.T.S. que é opcional por lei, na prática é obrigatório, no ato do contrato de trabalho.

Dos 4.000 (quatro mil) grevistas, 24 foram demitidos sob a ale-

---

17. Estabilidade é uma vantagem que é assegurada ao empregado com dez anos de serviço na mesma empresa, de ser dispensado pelo patrão somente quando cometer falta grave ou ocorrer circunstâncias de força maior, devidamente comprovadas. REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (1966:386). “(...) os trabalhadores durante mais de um ano em uma mesma empresa possuíam condições legais de estabilidade. Assim, um trabalhador que contasse entre um e dez anos de emprego numa empresa só podia ser despedido mediante “justa causa”. Se essa não fosse comprovada nos tribunais do trabalho, a empresa deveria pagar uma indenização equivalente a um salário por cada ano de trabalho. Depois de 10 nos de antiguidade, a indenização dobrava, ou seja, a empresa deveria pagar dois salários por cada ano de trabalho e os tribunais de trabalho tornavam-se mais severos ainda no reconhecimento da “justa causa”, de maneira que ficava muito difícil a dispensa de um trabalhador nessas condições” BERLINCK (1975-112)



gação de "justa causa" ou "falta grave". Os representantes do Estado, através do Poder Judiciário, julgaram em várias instâncias, inclusive no Supremo Tribunal Federal, setenciando os recursos operários como "culpa recíproca". Cabe aí analisar dois aspectos: o primeiro, mais relevante para se entender possivelmente outro fator de diminuição de consciência de classe. Teria a classe descredenciado das vantagens da estabilidade? Teria percebido o papel do Estado que não é apenas o de mediar nas relações de classes e sim preservar hegemonicamente uma sobre a outra? O segundo aspecto leva-nos a incursionar nas áreas jurídicas de foro local e não local para avaliar o papel do Estado na conciliação de interesses, não se opondo às classes.

## BIBLIOGRAFIA

BERLINCK, Manoel T. Marginalidade Social e Relações de Classes em São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1975.

BÜCHELE Jr., Carlos. Aspectos da Geografia Econômica do Município de Brusque. In: Album do 1º Centenário de Brusque, Brusque, 1960, edição da Sociedade Amigos de Brusque, p. 355-378.

HARNECKER, Marta. Os Conceitos Elementais do Materialismo Histórico. Santiago, s. ed., 1973.

IANNI, Octávio. O Colapso do Populismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3ª. edição, Rio de Janeiro, 1975.

MOISÉS, José Álvaro. 1953, A Greve dos 300 Mil em São Paulo, Anotações Históricas e Teóricas Sobre Uma Conjuntura Concreta. In: Contraponto, Ano I, n. 1, nov. 1976, Niterói, Centro de Estudos Noel Nutels, p. 14-40.

REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. A Estabilidade dos Trabalhadores: Sua Evolução no Brasil, Rio de Janeiro, n. 7 maio, 1966. Revista Civilização Brasileira, p. 386-402.

SEYFERT, Giralda. A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: Um Estudo do Desenvolvimento Econômico. Porto Alegre/Brusque, 1974 Movimento/SAB.

SINGER, Paulo. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Nacional, 1974.

————— A Política das Classes Dominantes. In: IANNI, Octávio (org.). Política e Revolução Social no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

————— Desenvolvimento e Repartição da Renda no Brasil. In: Debate e Crítica. n. 1, São Paulo, jul/dez. 1973, HUCITEC, p. 6794.

TEIXEIRA, João Regis F. Diretor de Greve. In: Direito do Trabalho. São Paulo, Sugestões Literárias, 1968, p. 531-583.



# I - "Um por todos, todos por um"

Elly Herkenhoff

Em fevereiro de 1893 irrompeu, cruenta desde o início, a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, Correu sangue, muito sangue, sacrificaram-se republicanos e federalistas, matava-se e morria-se em prol da Pátria comum e em nome da Liberdade e da Justiça.

E as primeiras notícias chegadas a Joinville já prenunciavam que Santa Catarina não ficaria à margem do conflito, tanto é que os joinvillenses iam acompanhando com bastante apreensão o progresso dos revolucionários gaúchos, sobretudo após a Revolta da Esquadra, no Rio de Janeiro, a 6 de setembro daquele mesmo ano de 1893.

Decerto que havia federalistas convictos em Joinville — entre eles o próprio presidente da câmara Municipal, Abdon Baptista — e havia os chamados "dissidentes" e havia os monarquistas, os inconformados com a deposição do nosso último Imperador. No entanto, a grande maioria dos joinvillenses se compunha — então já se compunha — de republicanos fiéis a Floriano ou de pacíficos cidadãos apolíticos, mais ou menos acomodados com a República, proclamada quatro anos antes. Deste modo, o clima reinante na Cidade não era de muita simpatia pelos revolucionários, quando, a 21 de setembro, uma notícia procedente de São Francisco causou apreensão geral em Joinville. O "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), em sua edição de 26 de setembro, traz um relato fiel dos acontecimentos, dizendo entre outras coisas:

"Quinta-feira, 21 do corrente, foi um dia tumultuado em Joinville. Às duas horas da tarde espalhou-se repentinamente a notícia da chegada de dois navios de guerra revolucionários a São Francisco, e um destacamento de soldados dos mesmos teria se apoderado imediatamente da estação do telégrafo. A notícia, naturalmente, teve o efeito de uma verdadeira bomba, porque não sabíamos aqui, o que realmente se estava passando no Rio e nem de longe imaginávamos que pudessemos ser envolvidos, aqui em nossa Cidade afastada, nos acontecimentos que vêm se desenrolando no Rio, a partir do dia 6 do corrente".

E continua o "Kolonie-Zeitung", comentando os mil e um boatos circulantes na Cidade: muitos desmandos teriam sido praticados em São Francisco por parte dos revolucionários, várias casas teriam sido saqueadas, numerosos cidadãos francisquenses teriam sido recrutados a força, após a destruição do aparelho da estação do telégrafo e



o vaporzinho "Dona Francisca", de propriedade do senhor Brustlein, de Joinville, já estaria em viagem para a nossa Cidade, onde a soldadesca repetiria os atos de selvageria praticados em São Francisco. Mas, em meio a toda essa confusão, as nossas autoridades agiram de cabeça fria, tomando as providências para fazer face ao que pudesse acontecer, uma vez que a visita dos revoltosos era inevitável. O Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, fundado um ano antes, em 1892, foi convocado e incumbido da guarda da Cidade. A Sociedade de Atiradores de Joinville, existente desde 1855, ficou de prontidão, enquanto mensageiros galopavam em várias direções pelas estradas, alertando os colonos estabelecidos no interior do Município, inteirando-os dos acontecimentos, para que se conservassem de prontidão e pudessem acorrer imediatamente, em caso de emergência.

Conforme se verificou mais tarde, na realidade não houve demandas em São Francisco, além da retirada do aparelho do telégrafo. No caso dos dois navios, tratava-se do cruzador "República", de nossa Marinha de Guerra e do navio da Companhia Frigorífica "Pallas", armado pelos revolucionários.

Mas o certo é que, naquela tarde de primavera, teve início para toda a comunidade joinvillense — homens, mulheres e crianças — um período dos mais conturbados, cheios de ansiedade, de sobressaltos e de medo constante daquilo que ainda poderia vir...

Um dos membros atuantes do nosso Corpo de Bombeiros na época, Alexandre Döhler, nos deixou extenso relato — redigido em alemão — dos acontecimentos daquela fase de nossa História. Conta-nos Alexandre Döhler, que o Corpo de Bombeiros, em número de uns 40 homens uniformizados, se reuniu no local de concentração em menos de 10 minutos, após o toque de reunir. Ao anoitecer, foram postados guardas ao longo do rio Cachoeira e ele próprio esteve de sentinela no Bucarein, das 9 horas da noite até às 10 e meia. Às 11 horas, finalmente, os guardas avançados comunicaram a aproximação do vaporzinho "Dona Francisca", que havia sido retido em São Francisco pelos revoltosos e pouco depois vinham, lentamente e de luzes reduzidas, o "Dona Francisca" e uma pinaça do "República", acostando no cais do porto onde, além de autoridades e do Corpo de Bombeiros enfileirados, havia muitos curiosos, à espera do espetáculo inédito — fato esse que segundo nos conta o "Kolonie-Zeitung", levou o chefe dos revoltosos a dizer, surpreso, que em toda a parte a população civil costuma fugir, à aproximação de forças revolucionárias...

O presidente da Câmara, Abdon Baptista, indagou ao oficial qual o motivo de sua presença, dando-lhe a entender, ao mesmo tempo, que os habitantes de Joinville estariam dispostos a defender a sua Cidade, em caso de quaisquer transgressões por parte dos revoltosos,



O oficial, visivelmente impressionado com tal atitude, disse ter vindo exclusivamente no intuito de se apoderar do aparelho de telégrafo, mas que de resto pretendia angariar as simpatias da população e afirmou que respeitaria a vida e a propriedade de todos.

De fato, nada mais grave aconteceu, além da inutilização do telégrafo, deixando Joinville sem qualquer possibilidade de uma comunicação rápida com o País.

Mas, após a tomada do Desterro — hoje Florianópolis — pelos revoltosos, Joinville recebeu a sua primeira guarnição militar, composta de 50 soldados da policia, e como os chefes do destacamento pretendessem o aliciamento a força de cidadãos joinvillenses, houve uma reação unânime por parte dos bombeiros, dos atiradores e dos ginastas de Joinville. Diz o "Kolonie-Zeitung" do dia 3 de novembro que, em vista dos vários atos de violência praticados durante a noite de 30 de outubro, pela força aquartelada na Cidade, reuniram-se o Corpo de Bombeiros, a Sociedade de Atiradores e a Sociedade de Ginástica, na segunda-feira, dia 30. E continua o jornal:

"A moção aceita pelos bombeiros, atiradores e ginastas em sua reunião de segunda-feira tem o seguinte teor:

Nós abaixo assinados comprometemo-nos com a nossa palavra de honra e a nossa assinatura, a nos obster de qualquer ingerência ou participação voluntária nas lutas partidárias trazidas de fora, e perigosas à segurança do nosso Município. Por outro lado, porém, não permitiremos que qualquer um de nós seja tocado, ou nossa pessoa ou nossa propriedade. Neste caso nós que assinamos este ou qualquer outro compromisso equivalente, reagiremos todos, solidários em defesa mútua, com todos os meios ao nosso alcance, com sacrifício até mesmo de nossa própria vida. "UM POR TODOS, TODOS POR UM" é este o nosso lema. Negamos, porém, proteção a quem provocar conflitos, ou por má fé ou por leviandade".

Mas, apesar da liberação imediata dos 20 recrutas presos, todos brasileiros, em consequência do manifesto, a situação veio a agravar-se subitamente, na tarde de 12º de novembro. Dia de Todos os Santos, com a chegada do General Piragibe à frente de 200 soldados federalistas — apenas 200, em vez dos anunciados 900 — e o primeiro ato do General foi a convocação do comandante do Corpo de Bombeiros, Felix Heinzelmann e do presidente da Sociedade de Atiradores, Gustav Adolf Richlin, ordenando-lhes que as duas corporações, bombeiros e atiradores, se unissem às tropas federalistas, em sua campanha contra o Paraná — exigência esta recusada, tanto pelo comandante dos bombeiros como pelo presidente dos atiradores, explicando-lhe o comandante, não ser de sua alçada tomar qualquer deci-



são em nome do Corpo de Bombeiros VOLUNTÁRIOS, e nem tampouco decidir em nome de qualquer outra associação, ao que o General respondeu, reiterando a sua ordem e exigindo a anuência das duas corporações até às 6 horas da tarde. Já eram 5 horas, quando o comandante Heinzemann tocou o sinal de alarme e 10 minutos depois estavam reunidos, no pátio da igreja evangélica, uns 30 bombeiros, aos quais foram se juntando atiradores e grande número de populares, enquanto soldados corriam, ruas acima, ruas abaixo, requisitando cavalos — e num abrir e fechar de olhos, lanceiros federalistas cavalgavam pela Cidade, em belíssimos animais, até então pertencentes a pacatos e indefesos cidadãos de Joinville.

(Continua)

---

## Filmes históricos de Blumenau

Diversos filmes de 35 m/m, que haviam sido depositados ha muitos anos numa adega existente no prédio em que acha-se instalado o Museu da Família Colonial, foram ha pouco encontrados e a maior parte acha-se, felizmente, em condições de ser reproduzida para faixa dos 16 m/m. Tal providência está sendo adotada pela direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau", em colaboração com o Prefeito Renato de Mello Vianna. Portanto, dentro de mais alguns meses, será possível fazer-se sessões cinematográficas nas sociedades existentes nos arredores de Blumenau, para que todos os blumenauenses tenham oportunidade de conhecer detalhes da Blumenau de mais de 50 anos passados. Estes filmes ora encontrados, juntam-se a mais alguns filmes recentemente adquiridos pelo sr. Prefeito Municipal de uma empresa cinematográfica catarinense e que possuia originais de diversos fatos históricos blumenauenses, como, especialmente, os festejos e desfile histórico com carros alegóricos relativos aos 75 anos de fundação da cidade em 1925, entre outros fatos importantes da década de 1920.



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*



# A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas  
**Hering**